



# A Santa Sé

---

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA  
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

*Na missa sem relógio*

*Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 07 de 13 de Fevereiro de 2014*

Não se vai à missa com o relógio na mão, como se tivéssemos que contar os minutos ou assistir a uma representação. Vai-se para participar no mistério de Deus. E isto é válido também para quantos vêm a Santa Marta participar na missa celebrada pelo Papa, que — disse o Pontífice aos fiéis presentes na capela da sua residência, na manhã de **10 de Fevereiro** — «não é um passeio turístico. Não! Vós vindes aqui e reunimo-nos para entrar no mistério. Esta é a liturgia».

Para explicar o sentido deste encontro directo com o mistério, o Papa Francisco recordou que o Senhor falou ao seu povo não só com as palavras. «Os profetas — disse — referiam as palavras do Senhor. Os profetas anunciavam. Acontece o mesmo também na Igreja». Fá-lo através da sua Palavra recolhida no Evangelho e na Bíblia: fala-nos através da catequese, da homilia. Quando celebramos a missa, não fazemos uma representação da Última Ceia». A missa «não é uma representação, é algo diverso. É precisamente a Última Ceia; é exactamente viver outra vez a paixão e a morte redentora do Senhor. É uma teofania: o Senhor torna-se presente no altar para ser oferecido ao Pai pela salvação do mundo».

Em seguida, o Papa Francisco propôs, como muitas vezes costuma fazer, um comportamento comum nos irmãos: «Nós ouvimos ou dizemos: “mas, agora eu não posso, tenho que ir à missa, tenho que ir ouvir missa”. A missa não se ouve, nela participa-se. E participa-se nesta teofania, neste mistério da presença do Senhor entre nós». Depois, o Papa referiu outro comportamento bastante comum entre os cristãos: «Quantas vezes — observou — contamos os minutos... “tenho só meia hora, tenho que ir à missa...”». Esta «não é a atitude que a liturgia nos pede: a liturgia é tempo de Deus e espaço de Deus, e nós devemos estar ali no tempo de Deus, no espaço de

Deus e não olhar para o relógio. A liturgia é precisamente entrar no mistério de Deus; deixar-se levar ao mistério e estar no mistério».

E, dirigindo-se precisamente a quantos estavam presentes na celebração acrescentou: «Estou certo de que todos vós viestes aqui para entrar no mistério. Mas talvez alguém tenha dito “tenho que ir à missa a Santa Marta, porque no passeio turístico de Roma é preciso ir visitar o Papa em Santa Marta todas as manhãs... Não! Vós vindes aqui, nós reunimo-nos aqui, para entrar no mistério. E o Pontífice concluiu convidando os presentes a «pedir hoje ao Senhor que conceda a todos este sentido do sagrado.

Na missa celebrada na sexta-feira **7 de Fevereiro** o Papa centrou a sua meditação sobre a figura do precursor. O «ícone do discípulo» descrito corresponde às características de João Baptista. Jesus deve ser anunciado e testemunhado com força e clareza — disse — sem meias-medidas, voltando sempre à fonte do «primeiro encontro» com ele e sabendo viver também a experiência da «escuridão da alma».

Partindo da narração da sua pregação e morte, descrita pelo Evangelho de Marcos (6, 14-29), o Papa disse que João é «um homem que teve uma vida breve, um tempo breve para anunciar a palavra de Deus». Ele era «o homem que Deus enviou para preparar o caminho do seu Filho».

O Pontífice traçou o perfil de João Baptista indicando três características fundamentais. «O que fez João? Antes de tudo — explicou — anunciou o Senhor. Anunciou que o Salvador, o Senhor, estava próximo; que o Reino de Deus estava próximo». Um anúncio que ele «fez com vigor: baptizava e exortava todos a converter-se». João «era um homem forte e anunciava Jesus Cristo: foi o profeta mais próximo de Jesus Cristo. Tão próximo que precisamente ele o indicou» aos outros. Com efeito, quando viu Jesus, exclamou: «É ele!».

Como Jesus, disse ainda o Papa, «também João teve o seu horto das oliveiras, a sua angústia na prisão quando pensava que errou». Por isso ele «envia os seus discípulos a perguntar a Jesus: diz-me, és tu ou errei e há-de vir outro?». É a experiência da «escuridão da alma», da «escuridão que purifica». E «Jesus respondeu a João como o Pai respondeu a Jesus: confortando-o». Também «João passou por esta escuridão» mas foi «anunciador de Jesus Cristo: não se apropriou da profecia» tornando-se «imitador de Jesus Cristo».

Em conclusão o Papa Francisco sugeriu um exame de consciência «sobre o nosso discipulado» através de algumas perguntas: «Anunciamos Jesus Cristo? Aproveitamos ou não da nossa condição de cristãos como se fosse um privilégio?». E por fim, mais uma pergunta: «Caminhamos pela via de Jesus Cristo, o caminho da humilhação, da humildade, do abaixamento pelo serviço?». Para o Pontífice, se nos apercebemos que não somos «determinados nisto», é bom «questionar-nos: mas quando aconteceu o meu encontro com Jesus Cristo, aquele encontro que me encheu de alegria?». É uma maneira de voltar espiritualmente àquele primeiro encontro com o

Senhor», «voltar à primeira Galileia do encontro: todos nós temos uma!». O segredo, disse o Papa, consiste precisamente em «voltar lá: voltar a encontrar-nos com o Senhor e ir em frente por este caminho tão bonito, no qual ele deve crescer e nós devemos morrer».

E na missa de quinta-feira **6 de Fevereiro**, Francisco indicou as «grandes graças» da vida cristã. Viver toda a vida dentro da Igreja, como pecadores mas não como traidores corruptos, com uma atitude de esperança que nos leva a deixar uma herança feita não de riqueza material mas de testemunho de santidade.

O bispo de Roma centrou a sua reflexão no mistério da morte, a partir da primeira leitura — tirada do primeiro livro dos Reis (2, 1-4.10-12) — na qual, disse, «ouvimos a narração da morte de David». Toda a vida de David é «um percurso, um caminho ao serviço do seu povo». E «assim como começou, assim acaba». O mesmo, observou o Papa, acontece também na nossa vida que «começa, caminha, vai em frente e termina». O Papa convidou «a pedir a graça de morrer em casa: morrer em casa, na Igreja». E acrescentou que «esta é uma graça» e «não se compra». Porque «é uma dádiva de Deus».

Depois propôs outra reflexão sobre a morte de David. «Nesta narração — observou — vê-se que David está tranquilo, em paz, sereno». A ponto que «chama o seu filho e lhe diz: eu vou pelo caminho de cada homem na terra». Por outras palavras David reconhece: «Agora é a minha vez!». E depois, lê-se na Escritura, «David adormeceu com os seus pais». Eis, explicou o Papa, o rei que «aceita a sua morte com esperança, em paz». E «esta é outra graça: a graça de morrer com esperança, ciente de que este é um passo» e que «do outro lado esperam por nós». Com efeito, também depois da morte «a casa continua, a família continua: não estarei sozinho!». Trata-se de uma graça que deve ser pedida sobretudo «nos últimos momentos da vida: nós sabemos que a vida é uma luta e que o espírito do mal quer saquear».

Outro pensamento sugerido pelo Papa é «o problema da herança». A propósito «a Bíblia — esclareceu — não nos diz que quando David morreu vieram todos os netos, ou bisnetos, pedir a herança!». Há muitas vezes «tantos escândalos sobre a herança que dividem as famílias». Mas não é a riqueza a herança que David deixa. De facto, lê-se na Escritura: «E o seu reino consolidou-se muito». David, ao contrário, «deixa a herança de quarenta anos de governo ao seu povo e o povo consolidado, forte».

A este propósito o Pontífice recordou «um dito popular» segundo o qual «cada homem, na vida, deve deixar um filho, plantar uma árvore e escrever um livro: esta é a melhor herança». O Papa convidou cada um a perguntar-se. «Que herança deixo eu aos que vêm após mim? Uma herança de vida? Pratiquei tanto o bem que o povo me quer como pai ou como mãe?». Talvez não «tenha plantado uma árvore» ou «escrito um livro», mas dei vida, sabedoria?». A verdadeira «herança é a que David» revela ao dirigir-se no momento da morte ao seu filho Salomão com estas palavras: «Sê forte e mostra-te homem. Observa a lei do Senhor, teu Deus, procedendo pelos seus

caminhos e praticando as suas leis». Assim as palavras de David ajudam a compreender que a verdadeira «herança é o nosso testemunho de cristãos deixado ao próximo».